

## Prólogo

Quando os tiros começaram, Adriana já estava descendo o morro do Borel. O ruído seco e intermitente era inconfundível. Fuzis AR-15, AK-47, *Sig Sauer*. Com munição capaz de atravessar os carros blindados dos figurões da sociedade carioca, pseudo-protegidos em sua arrogância metálica com pneus *firestone* e vidros duplos. Os mesmos que financiavam os traficantes por um pouco de brilho na noite de Ipanema. Que entupiam as narinas de pó e fumavam a própria dignidade em busca de uma dose violenta de qualquer coisa. Que avançavam sinais e furavam filas. Que davam esmola na rua e perdiam a carteira para o pivete da bicicleta. Que tinham medo da empregada favelada ou do filho do porteiro brincando com sua prole dourada nos jardins de condomínios fechados, entre balaústres e preconceitos. A cidade partida. O Rio de Janeiro dos estereótipos confirmados pelo noticiário policial e entorpecido como um poema de Allen Ginsberg.

*Tá tudooo dominadoooo*, pensou, repetindo um velho refrão de baile funk, enquanto corria em fuga pelos becos da favela, pulando latas de lixo e derrubando os varais de roupa pelo caminho. Sempre pensava nas letras daquele tipo de música quando entrava em desespero. Não sabia o motivo. Simplesmente acontecia. Não chorava, não tremia, não gritava. Só conseguia repetir os versos populares do batidão, o ritmo mais tocado nas festas de comunidades carentes que ela frequentava desde que entrara para a faculdade de farmácia. Algumas disciplinas do curso exigiam a participação em trabalhos comunitários, o que acabava aproximando os jovens universitários de classe média das opções de lazer dos favelados. No Borel, então, a presença dos estudantes era ainda maior, pois a universidade de Adriana, na zona norte do rio, ficava praticamente dentro do morro, com os muros que a separam da favela tomados por barracos de madeira podre e alvenaria desbotada. Fronteiras tênues, quase inexistentes.

A saraivada de balas não a assustou. Não era esse o motivo de seu desespero. Como os tiroteios eram constantes, os alunos tinham a capacidade de identificar a procedência da munição. Faziam até brincadeiras de adivinhação e bancas de aposta. Para eles, nada mais banal do que a violência. O homem que a perseguia usava uma pistola Colt 45, não tinha um fuzil. Portanto, ela não era o alvo daqueles tiros. Pelo menos, ainda não. Enquanto pudesse se deslocar pelos becos que conhecia, estaria protegida pelo caos de

tijolos empilhados na cartografia irregular do morro. Mas precisava chegar até o campus e se misturar entre os colegas.

*Pra subir lá no moooooorro atééé o BOPE treeeme; não tem mole pra civil, também não tem praaaaaa PM.* Pensou em outro sucesso dos bailes. *Os alemães vão pra vala, Uh!, Uh!*. Era o refrão preferido. O funk fora criado como expressão cultural das comunidades, mas as letras relacionadas ao crime se multiplicavam a cada dia. Os eventos só podiam ser realizados com a permissão dos traficantes. Em alguns casos, eles faziam até a segurança contra os “alemães”, que podiam ser tanto bandidos rivais como a própria polícia, também identificada pelo carinhoso apelido de *os vermes*. Uma guerra particular, cujos lados nem sempre eram facilmente determinados. Havia os policiais corruptos, responsáveis principalmente pelo fornecimento de armas e pela escolta dos bondes, as famosas caravanas de carros roubados que levavam as drogas até o morro. Havia também os informantes, conhecidos como X9s, que se infiltravam nas quadrilhas ou simplesmente deduravam os marginais. E, no meio do conflito, é claro, a grande maioria: os moradores das áreas pobres da cidade. Poderia ser o enredo de um filme *noir*, mas era a pura realidade carioca. Quase inverossímil de tão verdadeira.

A poucos metros de um portão enferrujado, que era utilizado como rota de fuga pelos traficantes, ela tropeçou em um pneu velho cheio d’água e rolou por uma pequena ribanceira até cair na laje de outro barraco, onde estavam duas crianças de quatro e cinco anos em companhia da mãe, cuja reação foi de absoluta indiferença, limitando-se a levar os filhos para baixo e evitar o contato visual com a fugitiva.

A superfície áspera do cimento não amorteceu a queda. Adriana sentiu uma dor aguda durante o choque com o solo. Havia pequenas pedras misturadas a cacos de vidro, além de pedaços de cerâmica em forma pontiaguda. O ombro direito se deslocou, pressionando o músculo e causando uma luxação. No rosto e nas mãos, vários ferimentos provocados pelos objetos cortantes. Um pequeno filamento de sangue escorreu pela cabeça, empapando os cabelos lisos, bem tratados, e turvando os olhos verdes, quase escandinavos.

*Eu só queeeero é ser feliz. Andar tranquilamente na faveeeela onde eu nasci. E poder me orgulhaaaaaar...* De quê? Orgulhar de quê? Mesmo os funkeiros e rappers mais politizados reconheciam a baixa autoestima dos pobres pretos favelados, a trilogia da exclusão na cidade maravilhosa. *Essa letra não faz sentido algum.* Não fazia mesmo. A pobreza sempre fora discurso de intelectual ou político em véspera de eleição. Nunca houve ações coordenadas entre poder público e sociedade civil para a inclusão social,

outro termo gasto. Clichê da esquerda saudosista de Stalin. Assim como *cidadania*, a palavra mais *clichelenta* das páginas empoeiradas do dicionário. Aliás, essa era a palavra preferida dos professores de Adriana. O que, para ela, não fazia o menor sentido, já que o próprio dono da universidade onde estudava tinha uma opinião bem clara sobre o assunto. *Não estou interessado nem no Brasil nem na solidariedade, muito menos na cidadania*. Declarações polêmicas, que haviam sido manchete nos principais jornais do país e estampavam a filosofia daquela instituição de ensino. Mas, pelo menos, era um posicionamento. Mostrava o verdadeiro objetivo da educação: a ascensão social. E a escola nem deveria ser para todos. *A realidade da vida não é estudar. Estudar é uma opção. Quem quiser faz, quem não quiser não faz. E não fica pior por isso*. O homem gostava mesmo da controvérsia, mas, pelo menos não era hipócrita. Ela até simpatizava com o sujeito.

Como a maioria dos universitários brasileiros, Adriana estudava em uma faculdade privada que havia sido sua quarta ou quinta opção no vestibular, já que as vagas no ensino público superior eram escassas. Nos dois primeiros anos do curso, pagara a mensalidade com o salário de recepcionista em um laboratório na zona sul do Rio, mas, nos últimos seis meses, pôde abandonar o emprego graças a um novo trabalho, muito mais rentável, só que muito mais perigoso. O mesmo que a tinha colocado na situação que estava vivendo agora. *Com essa grana, saio da miséria. É minha salvação*. Ao aceitar a proposta, ela aceitava também os riscos. Não poderia reclamar. E não reclamaria.

A queda na laje chamou a atenção do homem que a perseguia. Um grito encarniçado, de quem não consegue conter a dor, ecoou pela favela e, por alguns momentos, abafou o som beligerante do lugar. Guiado pelo ruído estridente, quase um uivo de sofrimento, o homem imediatamente mudou a rota e dirigiu-se para o lado oeste do morro, em direção à universidade. Apesar de não pertencer à comunidade, passou despercebido pelos moradores. Nem a correria e a fisionomia incomum foram notadas.

Adriana se levantou com dificuldade. Enxugou o sangue no rosto, improvisou uma tipóia com o casaco de moletom e tirou alguns cacos de vidro do tornozelo. Tentou fazer tudo isso em movimento, mas a dor atrapalhou seus planos. Teve que parar por alguns instantes, recompor o fôlego, pensar. Pela primeira vez, teve medo. Nenhuma letra de funk veio à sua cabeça. A queda não só atrasou a fuga, como permitiu que o perseguidor encontrasse seu rastro. Era preciso correr, mas as pernas não respondiam.

Mesmo mancando e sem conseguir mexer o braço direito, Adriana empurrou o

portão enferrujado e entrou na universidade. Quando chegou à metade do estreito corredor que leva à cantina do curso de farmácia, olhou para trás. O reflexo da arma prateada não permitiu que ela visse o rosto de quem estava com o dedo no gatilho. Mas os contornos da face, escondidos pela penumbra, pareceram familiares. A voz grave, rouca, ameaçadora, confirmou suas suspeitas:

– Eu só quero a letra, menina. Nada vai te acontecer. Me dá a letra.

– De jeito nenhum – respondeu a fugitiva, em um grunhido de som quase inaudível.

Ela ainda chegou até as mesas onde os colegas de faculdade almoçavam, mas não teve tempo de dar uma segunda olhada no homem da voz rouca. O impacto da bala que a atingiu nas costas jogou seu corpo contra os bancos de cimento fixados no solo. Dezenas de estudantes vestidos de branco entraram em pânico e correram para as escadas inferiores. O caos se intensificou com a multiplicação de rajadas de fuzil oriundas da favela, que agora pareciam muito mais próximas. Em poucos segundos, o refeitório estava completamente vazio. Restava apenas o corpo de Adriana, estirado no chão, com os joelhos flexionados e a mão esquerda fechada. A seu lado, uma pequena mochila, que ela carregara durante toda a fuga.

Nos momentos seguintes, a única testemunha da ação foi a câmera de vídeo ligada ao computador central da segurança do campus. Por suas lentes, foi possível ver o perseguidor se aproximar da menina, colocar a mão em seu pescoço para medir os batimentos e pegar a mochila que estava no chão. Antes de correr de volta para o portão, em direção à favela, ele percebeu a inconveniente presença daquele olho eletrônico. Não adiantou praguejar. Ao notar que fora filmado, só piorou a situação, pois deixou o rosto em foco, num plano americano, gravado no HD do computador. Ao correr, não teve tempo nem para imaginar quem estava do outro lado do monitor.

Adriana ainda esboçou uma reação, tentando ficar consciente. Mexeu as pálpebras levemente, contraiu o rosto, abriu os olhos, enrugou a testa, mas não conseguiu sentir as pernas. Estranhamente, não havia nenhum tipo de dor, como se o corpo todo estivesse anestesiado. Só o raciocínio parecia intacto. E o primeiro pensamento foi óbvio. Do punho cerrado escorreu um pedaço de papel amassado com inscrições em tinta preta parecendo uma espécie de código ou poema infantil. A visão daquela pequena folha motivou um sorriso largo, imediatamente seguido de um semblante de preocupação. A letra estava com ela, mas, diante de seu estado, não seria por muito tempo. Só teve dois minutos para executar o precário plano que imaginou para salvar seu segredo, antes de desmaiar novamente.

Na favela, os tiros cessaram. No lugar das balas, a batida do funk na caixa de som do barraco vizinho à universidade. *O natural do Rio é o batidããããõoooo! A playboyzada e os manu do morrããããooo! Eu peço a Deus para que olhe por nós. Já perdi vários amigos, mas não calaram a minha voz!*